

RELATÓRIO
E CONTAS**RUI PATRÍCIO**
Advogado

Privacidade e liberdade de expressão

Costuma analisar-se a relação entre a privacidade e a liberdade de expressão no plano conflitual, e numa via de sentido único. Ou seja, a segunda pode entrar em choque com a primeira e, assim sendo, é preciso encontrar pontos de equilíbrio e de harmonia, amputando um pedaço de uma aqui, encolhendo a outra ali, em sacrifício e tensão mútuos, mas sem aniquilar nenhuma. É essa também a habitual abordagem jurídica, buscando aquilo a que se costuma chamar um exercício de concordância prática entre valores ou interesses conflitantes. Ora, esta perspetiva da relação está muito certa, e estes exercícios de concordância são, não só essenciais para a saúde da vida coletiva liberal e democrática, como também intelectual e juridicamente apaixonantes. Contudo, existe uma outra forma de

perspetivar a relação, que é habitualmente negligenciada, e que me parece ser essencial, sobretudo levando em conta certos aspectos do modo de viver que já temos e do que se pressente que viremos a ter.

Na verdade, deve ser levado em conta que a relação entre privacidade e liberdade de expressão também se realiza no sentido inverso àquele que está habitualmente no centro da análise, na medida em que a primeira é condição da segunda. Isto é, se é verdade que a liberdade de expressão pode ameaçar a privacidade, não é menos certo que a falta desta pode matar aquela. Porquê? Muito simples, tanto que às vezes nem pensamos nisso. Se tivermos medo que alguém nos escute, leia ou vigie, calamos a boca, não nos expressamos ou não o fazemos livremente. Ou seja, se não acreditarmos

que temos privacidade, e que nos podemos exprimir em diferentes esferas com diferentes graus de conhecimento e de reserva, então inibimo-nos, censuramo-nos, e tanto mais quanto mais intensa for – na realidade ou na nossa cabeça – a vigilância. A morte da privacidade é

Nos espaços virtuais espreita-se mais e com maior facilidade do que pelo buraco da fechadura da porta da retrete.

meio caminho (ou mais) andado para a morte da liberdade. Citando o óbvio, e num tempo em que as narrativas sobre distopias estão na moda (talvez não por acaso), releia-se por exemplo “1984”. Aí, nem na retrete se é livre de dizer ou escrever o que se quiser, e isso é o grau zero da liberdade de expressão, ao mesmo tempo que é o grau zero da privacidade. O que significa que, afinal, os abjectos, os obscenos e os humoristas que se expressam nas portas das retretes públicas não deixam de ser, de certa forma, uma conquista civilizacional.

E a que propósito vêm estas preocupações hoje em dia? Não vive grande parte do mundo com a conquista da privacidade e da liberdade, não assenta nelas o chamado modo de vida que parte do mundo tem (e que parte dessa parte diz querer exportar para outros lugares)? Sim, mas – um grande mas. A privacidade sofre ameaças, várias e intensas, tanto mais quanto mais são sub-reptícias. Ameaças que vêm da crescente vigilância a que, em nome da segurança, os poderes públicos nos submetem, mas também, e muito, das vigilâncias privadas, aquelas que proliferam nesse admirável, pouco privado e muito libertino mundo que as redes e os espaços virtuais constituem. Mundo esse onde a vigilância é para uns um modelo de negócio (por exemplo, publicitário, de perfilagem de gostos, de oferta de serviços, etc.), para outros um modo de vida ou, mesmo, de não vida, e para tantos que aí se expõem uma armadilha da qual nem dão conta. Afinal, nas redes e nos espaços virtuais espreita-se mais e com maior facilidade do que pelo buraco da fechadura da porta da retrete. Cuidado, pois, com o que aí deixam gravado. ■